

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

CARLOS RIBEIRO (1813-1882)

GEÓLOGO E ARQUEÓLOGO

Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2013

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Pentaedro, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Carlos Ribeiro (1813-1882), geólogo e arqueólogo.
Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento

CAMILO EM SEARA ALHEIA

João Bigotte Chorão¹

O duplo centenário do nascimento do académico Carlos Ribeiro não passou estranhamente despercebido. Coronel, não se terá distinguido na carreira das armas, mas no campo da ciência ganhou renome, como antropólogo, arqueólogo e geólogo.

Invocando a minha condição de estudioso camiliano, o Prof. Telles Antunes lembrou as memórias que, em 1884, Camilo escrevera sobre Carlos Ribeiro (Fig. 1). Que aproximava o escritor do cientista, duas personalidades que percorreram caminhos tão diferentes? Além de se terem encontrado na mocidade portuense, o polígrafo conhecia-se tão bem que, sem jactância, se achava capaz de tratar de não importa que assunto. Assim, diz a um amigo: “Eu posso escrever romances jesuítas, romances franciscanos, romances carmelitas, romances jansenistas, romances despóticos, monárquico-representativos, cabralistas e até romances regeneradores: o que eu quiser, e para onde me der a veneta”. E ao director de um jornal, a que enviara artigos de economia política, (!) declarava sem reboço: “Eu sou capaz de (...) escrever até sobre *folhamentos* e *irrigações*, sobre *reguengos* e *fateusins!*” (MARTINS, 1990, p. 217, 223).

Mas enquanto Carlos Ribeiro estudava com diligência Matemática, Camilo, a fazer fé nas

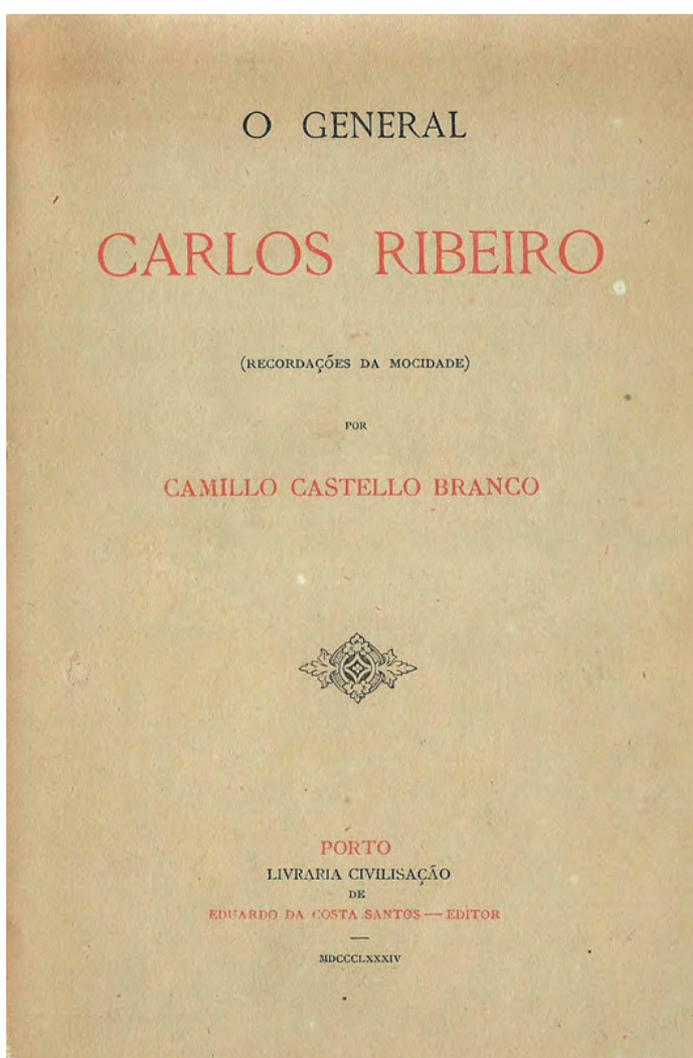


Fig. 1 – Capa da primeira edição (Arquivo de João Luís Cardoso).

¹ Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Letras).

memórias, fingia ser aluno de Química – aluno que nem cuidara de adquirir o compêndio pelo qual os seus discípulos estudavam.

Moravam ambos, o estudante aplicado e o cábula, na mesma casa, mas não no mesmo andar da Rua Escura, topónimo que não augurava nada de bom. Designando por “folheto” o escrito sobre Carlos Ribeiro, reconhece o autor que é “uma obra de divulgação”, porventura “mais útil que agradável”. Acrescenta que “as ciências de observação exigem de quem as cultiva um “acto de fé”. Daí que não hesite em concluir que “a ciência positiva reclama uma virtude teologal”!

No raro opúsculo de 1884 (CASTELO BRANCO, 1884; CABRAL, 1988), Camilo traça o retrato moral de Carlos Ribeiro: “Era de estatura mediana, refeito, de espáduas fortes, rosto redondo, purpurino, com um pequeno bigode cortado na comissura dos lábios muito nacarinos.” Fisicamente diferente de Camilo, com o seu rosto picado das bexigas. Quanto à maneira de ser do cientista, assim o descreve o novelista: “Grave nas falas, muito delicado em conselhos e atenções com os cábulas; e simpatizava com a minha modesta ignorância, que ele ingenuamente atribuía a eu não possuir compêndio de química (...)”

Absorvido no estudo, Carlos Ribeiro foi porém sensível ao drama de uma mulher casada contra vontade com quem a família impusera. Tema bem caro a um celebrado autor de novelas sentimentais. O amor e a comisseração tocaram a sensibilidade de Carlos Ribeiro. Se a piedade não precede o amor, como advertia o experiente escritor romântico, aqui foi a piedade que começou a comover Carlos Ribeiro, quando conheceu as circunstâncias que infelicitaram Glória de seu nome, não do seu destino. Ofereceu cavalheirescamente os seus préstimos a quem, além do mais, ficara sem meios. Não sem surpresa em época de intolerância, a família perdoou a Glória, que pôde voltar. Mesmo que não letrada, exemplificava o conselho de Victor Hugo citado por Camilo: *Oh! N'insultez jamais une femme qui tombe...*

Quem custeou as despesas de viagem da mísera Glória, do Porto para Lisboa, foi o generoso Carlos Ribeiro. Generosidade que, aos olhos de Camilo, suplantou em importância o que no plano científico, deu renome ao antropólogo. Não descurando os seus créditos e o seu sarcasmo, Camilo enquanto romancista terá examinado por sua conta e risco alguns antropóides que levaram a sua fama ao Chiado!

Embora sócio correspondente da Academia das Ciências (por proposta de Alexandre Herculano, em 1858), não consta que alguma vez tenha vindo à instituição a que não poupa o seu visceral pendor polémico. Sem rodeios, considera “a Academia Real como uma arca de sapiência humana, de reserva para a catástrofe de um dilúvio de ignorâncias eminentes”.

Digno de registo o lamento por a morte, em 1882, não ter permitido a Carlos Ribeiro ver-se “enaltecido por grandes sábios europeus: seria essa a mais idealmente querida das recompensas”. Em contrapartida, coube-lhe em sorte o tradicional elogio académico proferido *post mortem*. Os chamados “sócios velhos” não escaparam a mais esta mordacidade camiliana. Para esses sócios, “a antropologia apenas tem a característica académica de ser palavra grega, e como tal a reverenciam”.

Nas “recordações da mocidade” Carlos Ribeiro aparece ainda como personagem de um romance passional. Mas memórias dessa época são também as da carta-prefácio a Ricardo Guimarães, mais conhecido pelo título de Visconde de Benalcanfor com que assinava os seus escritos literários. Nesse prefácio pede inesperadamente ao seu contemporâneo e amigo que, chegada a hora, lhe escreva o necrológio. Pedido que Benalcanfor não pôde satisfazer porque antecedeu Camilo na morte.

O senso lúdico camiliano não lhe dá tréguas, assumindo por vezes uma feição materialista, num com que desafio à precoce velhice e às intermitentes dores físicas e espirituais. Ao despedir-se de Ricardo Guimarães na carta-prefácio, escreve Camilo sem rodeios: “A Química subterrânea espera a minha alma. Vou mineralizar-me!” Se alguma saudade leva deste mundo é a do tempo em que com Benalcanfor publicava folhetins em periódicos do Porto.

Expressiva do secularismo final de Camilo é esta desconsolada confissão: “Dantes havia imortalidade da alma e as recompensas eternas como esteio a infelizes sublunares. Hoje em dia, aqueles dogmas, espécie de *caput mortuum*, não amparam muita gente.” Considerando-se um infiel defunto, requer ao amigo que o recomende “aos sufragados pios da Pátria – esta querida mãe interessante, incapaz de tirar de dificuldades um filho vivo; mas, depois, tira-lhe a alma do purgatório se for necessário”. Camilo não ignorava certamente Orígenes e a apocatástese, quer dizer a controvertida audaciosa crença na redenção final de todos os homens. Crença, ou melhor, esperança contra toda a esperança retomada em nossos dias pelo escritor Papini.

Voltando enfim a Carlos Ribeiro, observa insolitamente Camilo que ele “não andou toda a vida (...) a esgravatar nas camadas do globo a certidão da idade do homem. Também ele borboleteou à flor da terra, com as asas polvilhadas dos matizes da alegria juvenil, os seus devaneios”.

REFERÊNCIAS

- CASTELO BRANCO, Camilo (1884) – *O General Carlos Ribeiro (recordações da mocidade)*. Porto: Livraria Civilização.
- CABRAL, A. (1988) – *Correspondência de Camilo Castelo Branco com Eduardo da Costa Santos* (recolha, introdução e comentários de Alexandre Cabral). Lisboa: Livros Horizonte.
- MARTINS, F. (1990) – *Camilo quando jovem escritor*. Porto: Edições Afrontamento.